

As estratégias de indeterminação do sujeito no ensino de gramática

The strategies for subject indetermination in grammar teaching

Lucas de Souza

Mestrando em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Docente da SME de Mendes/RJ.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9063-3391>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1383370143125500>

E-mail: professorlucasdesouza@gmail.com

Beatriz Santiago Rosa Ferreira

Graduada em Letras – Português/Inglês pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase (UGB/FERP)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5641-3379>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7713668995749876>

E-mail: rosabeatriz.santiago@gmail.com

Juliana Barros Nespoli

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Docente de Língua Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFF) e de Língua Portuguesa e Linguística no Centro Universitário Geraldo Di Biase (UGB/FERP)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5235-0817>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9320464946253571>

E-mail: juliana_nespoli@id.uff.br

Resumo

O ensino de sintaxe nas escolas brasileiras nem sempre é revisitado ou discutido com a frequência com que deveria acontecer. Em relação à categoria sintática do sujeito, percebe-se que há discrepâncias entre o que é apresentado pela Gramática Tradicional e o que propõe a Linguística Teórica. Quanto a questões curriculares, propostas recentes como a Base Nacional Comum Curricular solicitam um ensino de gramática indissociável às práticas sociais, compreendido em seu funcionamento e formas de uso, e não apenas como conjunto de regras. No entanto, na prática, ainda se percebe a necessidade de implementação de um ensino de gramática que seja de fato produtivo, tanto para as práticas comunicativas, quanto para o entendimento do funcionamento da língua, em especial em relação à indeterminação do sujeito. Por isso, o objetivo principal deste trabalho é contribuir para a reflexão acerca do ensino de gramática na Língua Portuguesa, a partir da elaboração de um conjunto de atividades sobre esse fenômeno voltadas para a ampliação e reflexão e, consequentemente, para a prática de escrita de alunos do ensino básico. Para tal, foram desenvolvidas atividades baseadas nos 3 eixos para o ensino de gramática propostos por Vieira (2017), com o intuito de colaborar de forma prática com essas reflexões. Nesse sentido, trata-se de um trabalho de natureza qualitativa, pois pretende-se contribuir para a discussão do ensino de gramática, em particular da indeterminação do sujeito.

Palavras-chave: Ensino de Gramática. Sintaxe. Sujeito Indeterminado.

Abstract

Syntax teaching in Brazilian schools is not always revisited or discussed as often as it should be. When it comes to the syntactic category of the subject, it is noticed that there are discrepancies between what is presented by Traditional Grammar and what is proposed by Theoretical Linguistics. Regarding curricular issues, recent proposals such as the National Curricular Common Base calls for a grammar teaching inseparable from social practices, exploring its functioning and forms of use and not just as a set of rules. However, in practice, there is still some need to implement a grammar teaching that is actually productive, both for communicative practices and for understanding how language works, especially in relation to the subject indeterminacy. Therefore, the main intention of this work is to contribute to the reflection on the grammar teaching in Portuguese language, based on the elaboration of a set of activities about this phenomenon which aim to broaden and provoke reflection and, consequently, improve the practice of students' writing. For this, we developed activities based on

the 3 axes for grammar teaching proposed by Vieira (2017), in order to collaborate in a practical way with these reflections. In that regard, this is a work of a qualitative nature, as it is intended to contribute to the discussion of grammar teaching, in particular the subject indeterminacy.

Keywords: Grammar Teaching. Syntax. Subject Indeterminacy.

Data de submissão: 04/01/2023 | Data de aprovação: 26/05/2023

1 Introdução

As discussões teóricas sobre um ensino verdadeiramente produtivo de nossa língua são, muitas das vezes, deixadas de lado e dá-se prioridade ao ensino de regras engessadas, estabelecidas há muito tempo naquilo que diz a Gramática Tradicional (GT). Essa prática, porém, pode limitar a capacidade que os discentes têm de compreender os assuntos que lhes são mostrados. Ao se ensinar algo baseado em regras, faz-se necessário que todas elas sejam mostradas, a fim de permitir que o aluno de fato conheça todas as possibilidades do fenômeno que lhe está sendo apresentado, o que se torna fulcral para a ampliação dos saberes linguísticos dos estudantes.

Em relação à categoria sintática do sujeito, percebe-se que há discrepâncias entre o que é apresentado pela GT e o que propõe a Linguística Teórica (LT) quanto à classificação do sujeito indeterminado. Ao considerar as definições propostas pela GT, nota-se que há uma mistura de critérios sintáticos e semânticos para essa classificação, visto que o critério inicial para a definição da indeterminação é pautado na descrição semântica do fenômeno, porém, ao tratar da definição de seus referentes, os autores, tais como Cunha e Cintra (2016) e Rocha Lima (1973), lançam mão de dois critérios formais, a saber: (1) verbo na 3ª pessoa do plural; e (2) verbo na 3ª pessoa do singular acompanhado da partícula -se. Essas definições serão esmiuçadas mais à frente.

Essa mistura de critérios e a não discussão desses fenômenos em sala de aula dificultam o ensino coerente de tal fenômeno do português, ocasionando uma limitação no entendimento dos discentes em relação ao que está sendo mostrado. Ao pensar nessas incoerências no ensino de gramática, Duarte (2007, p. 195) propõe uma nova classificação para o sujeito e afirma que a classificação de sujeito indeterminado apresentada pela GT é inadequada, pois a “indeterminação é uma noção semântica e ela só faria sentido se colocada em oposição ao sujeito ‘determinado’”. Nesse sentido, destaca-se a relevância de pesquisas que buscam articular os saberes gramaticais provenientes da ciência linguística para a prática docente. Portanto, a análise realizada no presente trabalho trará as contribuições da LT para o ensino do fenômeno do sujeito indeterminado (visto como argumento externo) de acordo com a perspectiva da estrutura argumental, sobre a qual falamos brevemente em seções posteriores. Essa análise decorre da percepção de que, na prática, ainda parece haver a necessidade de implementação de um ensino de gramática que seja de fato produtivo, em particular no que diz respeito à indeterminação do sujeito. Assume-se que o real entendimento desse fenômeno colabora, de um lado, para a formação de leitores e escritores

conscientes e críticos e, de outro, para a compreensão do funcionamento dos diferentes recursos gramaticais existentes na língua.

Assim, temos como objetivo principal contribuir para a reflexão acerca do ensino de gramática na Língua Portuguesa, a partir da elaboração de um conjunto de atividades sobre indeterminação do sujeito voltadas para a ampliação e reflexão dos alunos sobre a Língua Portuguesa de forma a contribuir para a melhora de suas práticas de escrita.

Este artigo está dividido em duas seções. Na primeira, temos a fundamentação teórica, dividida em duas partes, contemplando discussões teóricas quanto à indeterminação do argumento externo, comparando-as às definições da GT e contemplando discussões sobre o ensino das estratégias que permitem essa indeterminação. Já a segunda seção traz um conjunto de atividades sobre indeterminação do sujeito, baseado nos 3 eixos para o ensino de gramática, conforme Vieira (2017).

2 Fundamentação teórica

2.1 A indeterminação do argumento externo: da gramática à teoria linguística

Nas descrições tradicionais e nos materiais didáticos, os chamados “termos da oração” se apresentam primeiramente como “sujeito” e “predicado”. O intuito dessa abordagem é demonstrar a estrutura da oração e, para que isso ocorra, é necessário olhar para o elemento responsável por sua origem. Duarte (2007) afirma que a GT classifica os predicados em “verbais”, “nominais” e “verbo-nominais” justamente porque é neles que se encontram os elementos responsáveis pela projeção dos constituintes centrais da oração, dentre os quais se inclui o próprio sujeito. Esses elementos são chamados de “predicadores” e são eles os responsáveis por selecionar um argumento externo (conhecido como sujeito) e um argumento interno (sendo, em geral, os complementos). Os predicadores podem ser verbais (um verbo), nominais (adjetivo ou substantivo) e verbal e nominal simultaneamente.

Para entendermos como a GT trata o fenômeno e compararmos com o que Duarte (2007) asserta, apresentamos o que seus autores descrevem: Cunha e Cintra (2016) afirmaram que nos deparamos com esse fenômeno quando “o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento” (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 142), e ilustram:

Nestes casos em que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado, põe-se o verbo: a) ou na 3.ª pessoa do plural: Contaram-me, quando eu era pequenina, a história duns naufragos, como nós [...]; b) ou na 3.ª pessoa do singular, com o pronome se: Ainda se vivia num mundo de certezas [...]. Os dois processos de indeterminação podem concorrer num mesmo período: Na Casa pisavam sem sapatos, e falava-se baixo. (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 142-143).

Seguindo a mesma linha, Rocha Lima (1973) estabeleceu, de forma parecida, que usamos o sujeito indeterminado “se não pudermos ou não quisermos especificá-lo” (ROCHA LIMA, 1973, p. 289), explicando que

Para indeterminar o sujeito, vale-se a língua de um dos dois expedientes: 1) Empregar o verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência anterior ao pronome *eles* ou *elas*, e a substantivo no plural; 2) Usá-lo na 3ª pessoa do singular acompanhado da partícula *se*, desde que o verbo seja intransitivo, ou traga complemento preposicional. Exemplos: Falam mal daquela moça. Mataram um guarda. Vive-se bem aqui. Precisa-se de professores (ROCHA LIMA, 1973, p. 289).

Ou seja, os autores concordam com os recursos linguísticos para se alcançar o fenômeno nas construções oracionais, misturando critérios semânticos e sintáticos para se chegar a uma conclusão parecida.

Em estudos descritivos da nossa língua, há um tratamento mais focado na relação da indeterminação com a vontade e/ou necessidade de se haver falta de uma referenciação discursiva. Quando não se quer identificar quem pratica uma ação, como em “Atiraram pedras na vidraça ontem”, temos uma razão fora da sintaxe, já que existe uma motivação pragmática nesse caso. Perini (2017), por exemplo, postula que “indeterminação é o fenômeno que consiste em entender mais ou menos esquematicamente a referência de um sintagma” (PERINI, 2017, p. 112). Ou seja, o autor também defende que a indeterminação está ligada à falta de referenciação no discurso e acrescenta:

Outros complementos podem ser igualmente indeterminados. Mas a indeterminação do sujeito recebe tradicionalmente mais atenção porque é o aspecto mais rico e complexo desse fenômeno geral, contando com várias estruturas sintáticas especializadas. A indeterminação do sujeito se exprime através dos recursos sintáticos e lexicais seguintes: a) O sintagma nominal sem determinante: este tem referência genérica, identificando o tipo de entidade a que se refere, mas sem identificar o indivíduo: (5) Criança suja muito o chão [...]. b) O verbo sem sujeito na terceira pessoa do plural, deixando apenas entendido que se trata de um ser humano: (8) Quebraram a janela [...]. c) O verbo sem sujeito na terceira pessoa do singular, que também parece ser restrito a referentes humanos: (10) Nessa fazenda **planta** café e milho [...]. d) o infinitivo sem sujeito: (11) **Nadar** é bom para a saúde. Aqui o Agente de *nadar* fica totalmente em aberto (PERINI, 2017, p. 114-115 – grifos do autor).

O autor chama a atenção ainda para situações que usualmente não são ensinadas como formas de indeterminação, por serem de natureza lexical e não sintática, mas que têm o mesmo efeito, uma vez que deixa em aberto sobre a quem se refere uma afirmação:

e) Além desses recursos sintáticos, há um bom número de itens lexicais que são usados para indeterminar o sujeito, em geral restringindo a referência a seres humanos. São usados principalmente SNs como *a pessoa*, *o sujeito*, *o cara*, assim como pronomes pessoais como *você*, *a gente*, *eles*, *tu*. Dou abaixo alguns exemplos: (12) É muito mais fácil **você** fazer uma campanha de vacinação do que **você** manter um paciente na UTI (PERINI, 2017, p. 115 – grifos do autor).

O que é assertado por Perini (2017) se aproxima daquilo que é proposto por Duarte (2007) sobre a definição apresentada pela GT para o tratamento da indeterminação do sujeito. Para a pesquisadora, só há sentido em fazer essa classificação se a ela se apresenta sua oposição.

Ela define a indeterminação como uma noção semântica e, com base na organização entre forma e referência do argumento externo, propõe uma classificação comparativa em que o sujeito indeterminado seria aquele de referência indefinida, isto é, que não pode ser identificado e, oposto a ele, o sujeito determinado com referência definida.

Além disso, Duarte (2007, p. 195) aponta que a definição postulada pela GT “não dá conta da noção de sujeito indeterminado – que ocorre em virtude da não definição do referente externo – classificado geralmente como ‘sujeito’, havendo a possibilidade de a indeterminação estar presente tanto em sujeitos expressos quanto em não expressos”. Para a autora, essa definição deve ser considerada a partir da possibilidade de expressar ou não o sujeito em determinadas estruturas. Portanto, o sujeito expresso seria aquele enunciado no contexto discursivo e o não expresso seria o que não aparece, podendo ambos ser de referência definida (com marcas gramaticais/determinado); ou indefinida (indeterminado). Baseada nesse fator, ela traz uma nova forma de tratamento ao definir o sujeito com base em sua forma e referência. Assim, teríamos sujeitos expressos e não expressos em relação à forma; e de referência definida, indefinida ou sem referência, quanto ao conteúdo, como mostra sua tabela, reproduzido abaixo:

Tabela 1 - A classificação do argumento externo segundo sua forma e conteúdo

REFERÊNCIA	FORMA	
	Não expresso	Expresso
Definida	__ Fui/ __ Fomos/ __ Foram ao teatro ontem.	Eu/Nós/As meninas/Elas foram ao teatro ontem.
Indefinida	__ Roubar am as rosas do jardim. __ Precisa mos de ordem e progresso. __ Não usa mais máquina de escrever. __ Vende Apartamento	Eles estão assaltando nesse bairro. Nós precisamos de ordem e progresso. A gente precisa de ordem e progresso. Você vê muito comércio no centro.
Sem Referência	__ Choveu muito. __ Fez frio. __ Houve confusão.	__ __ __

Fonte: DUARTE, 2007, p. 196.

Há ainda a questão do pronome “se”, que indetermina argumento externo mesmo quando funciona como partícula apassivadora. Isso significa que, quando analisamos tanto “Precisa-se de faxineira”, em que o “se” é tradicionalmente índice de indeterminação do sujeito, quanto em “Alugam-se casas”, em que o “se” é tradicionalmente pronome apassivador, o argumento externo está suspenso, portanto indeterminado.

Sendo assim, fica evidenciado que há várias maneiras de se perceber o fenômeno da indeterminação. Portanto, faz-se necessário esclarecer um pouco mais sobre a indeterminação do sujeito e do argumento externo. Conforme já supracitado, o argumento externo é visto dentro da estrutura argumental como um dos argumentos predicados pelo verbo e é, na maioria das vezes, o sujeito. Porém, em algumas construções – incluindo algumas com o pronome “se”, – o argumento interno pode exercer função sintática de sujeito enquanto o externo fica suspenso. Por outro lado, em casos em que não se verifica a concordância, como em “aluga-se casas”, o argumento interno parece ser interpretado pelo falante como objeto e não sujeito.

Consoante o que elucida Duarte (2007), Bagno (2012) asserta que, no tratamento da questão da indeterminação do agente¹, não pode haver confusão entre fatores semânticos e sintáticos, como faz a GT. Para ele,

A indeterminação do agente é um traço semântico, isto é, tem a ver com o signo linguístico e suas relações com o referente no mundo real. Quando não sabemos, não podemos ou não queremos enunciar esse agente, empregamos formas que expressam essa indeterminação – indeterminação que também empregamos para generalizar ações que, para nós, podem ser desempenhadas por qualquer pessoa (BAGNO, 2012, p. 803).

Seguindo essa linha, o autor chama a atenção, por exemplo, para o caso do “você”, o qual é tido apenas como pronome de tratamento pela GT, que ainda não o reconhece também como pronome pessoal. Ele sustenta que, uma vez que o pronome assume a 2ª pessoa do singular, ele também pode ser tido como uma forma de indeterminação, o que está de acordo com aquilo que é previsto por Duarte (2007), pois apresenta sua forma expressa, sem muitas vezes mostrar qual sua referência.

Somente um apego irracional ao passado e/ou à norma linguística de Portugal pode explicar por que até hoje, nas gramáticas normativas e nos livros didáticos, **você** ainda é apresentado como “pronome de tratamento”. A inequívoca e total gramaticalização de *você* tem de ser reconhecida para uma descrição mais realista do português brasileiro contemporâneo (BAGNO, 2012, p. 747).

Ou seja, o pronome “você”, assim como outras formas de uso pronominal, especialmente os pronomes indefinidos, merece atenção no ensino gramatical, pois, em nossa língua vernácula, assume também papel de pronome reto e pode, ainda, ser considerado um índice de indeterminação do sujeito em uma oração, uma vez que ele tem sua forma expressa, mas seu referente nem sempre é claro. Para ilustrar o que o pesquisador defende, vejamos o trecho abaixo do *site* Tudo Gostoso², em uma página de receita de bolo simples:

¹ Ao utilizar a expressão “indeterminação do agente”, Bagno chama a atenção para o papel semântico do termo oracional responsável por executar uma dada ação verbal. Entende-se que a descrição do autor para indeterminação do agente tem relação com o que se discute neste trabalho acerca da indeterminação do sujeito/argumento externo.

² Disponível em: <https://www.tudogostoso.com.br/receita/29124-bolo-simples.html>

(1) No Tudo Gostoso, **você** encontra muitas receitas de bolo simples incríveis, como bolo de milho verde da espiga, bolo de cenoura, bolo pão de ló tradicional, bolo fofo de chocolate, bolo de caneca e diversas outras.

A mensagem é direcionada para os leitores do *site* e as orientações são dadas de forma direta a alguém: o “você”. Nesse caso, o pronome é expresso formalmente, mas sua referência é indefinida, uma vez que o “você” pode ser qualquer pessoa que leia o portal digital, sendo todos esses leitores totalmente desconhecidos para quem escreveu as orientações da receita.

Dito isso, na tabela abaixo, sistematizamos aquilo que os autores mencionados até aqui defendem acerca de indeterminar o sujeito/argumento externo, e quais as principais estratégias para tal, exemplificando ao lado as ocorrências do fenômeno de acordo com o que foi exposto:

Tabela 2 - Sistematização das estratégias de acordo com cada autor

AUTORES	FENÔMENO	ESTRATÉGIA	EXEMPLOS
Cunha; Cintra	“O verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento” (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 142-143).	3ª. pessoa do plural	Contaram-me, quando eu era pequenina, a história duns naufragos, como nós [...].
		3ª. pessoa do singular, com o pronome se	Ainda se vivia num mundo de certezas [...].
Rocha Lima	“Usamos o sujeito indeterminado “se não pudemos ou não quisermos especificá-lo” (ROCHA LIMA, 1973, p. 289).	verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência anterior ao pronome “eles” ou “elas”, e a substantivo no plural	Falam mal daquela moça. Mataram um guarda.
		3ª pessoa do singular acompanhado da partícula se, desde que o verbo seja intransitivo, ou traga complemento preposicional.	Vive-se bem aqui. Precisa-se de professores.
Perini	“Indeterminação é o fenômeno que consiste em entender mais ou menos esquematicamente a referência de um sintagma” (PERINI, 2017, p. 112)	O sintagma nominal sem determinante: este tem referência genérica, identificando o tipo de entidade a que se refere, mas sem identificar o indivíduo.	Criança suja muito o chão [...].
		O verbo sem sujeito na terceira pessoa do plural, deixando apenas entendido que se trata de um ser humano.	Quebraram a janela [...].

		O verbo sem sujeito expresso na terceira pessoa do singular, que também parece ser restrito a referentes humanos.	Nessa fazenda planta café e milho [...].
		O infinitivo sem sujeito.	Nadar é bom para a saúde. (Aqui o Agente de nadar fica totalmente em aberto).
		Itens lexicais: a pessoa, o sujeito, o cara, assim como pronomes pessoais como você, a gente, eles, tu.	É muito mais fácil você fazer uma campanha de vacinação do que você manter um paciente na UTI.
Duarte	“Ocorre em virtude da não definição do referente externo – classificado geralmente como ‘sujeito’, havendo a possibilidade de a indeterminação estar presente tanto em sujeitos expressos quanto em não expressos” (DUARTE, 2007, p. 195)	Argumento externo de referência indefinida não expresso (1ª pessoa do plural, 3ª pessoa do singular e voz passiva)	Precisamos de ordem e progresso. Não usa mais máquina de escrever. Vêm sendo levantados questionamentos sobre a eficácia das vacinas.
		Pronome “se”, seja classificado como índice de indeterminação, seja como partícula apassivadora.	Precisa-se de funcionários Vende-se/vendem-se apartamentos
		Argumento externo de referência indefinida expresso	Nós precisamos de ordem e progresso. A gente precisa de ordem e progresso.
Bagno	“A indeterminação do agente é um traço semântico. Quando não sabemos, não podemos ou não queremos enunciar esse agente, empregamos formas que expressam essa indeterminação.” (BAGNO, 2012, p. 803).	Pronomes pessoais, pronomes indefinidos.	Você vê muito comércio no centro. Todos têm direito à educação.

Fonte: Elaboração própria.

O intuito da construção dessa tabela é, além de sistematizar e organizar o que os autores da GT e da LT discorrem sobre o fenômeno, também o de criar um modelo que tente se aproximar daquilo que os docentes podem construir em sala com seus alunos ao tratar do assunto. Não significa, entretanto, ser uma obrigação, nem mesmo necessária a sua reprodução integral e idêntica. A construção de uma tabela mostrando como alcançar diferentes maneiras de se indeterminar o argumento externo será mais explorado no decorrer deste trabalho, especialmente no capítulo em que tratamos de um conjunto de exercícios propostos e suas respectivas orientações aos professores aplicadores.

2.2 A indeterminação do argumento externo no ensino de gramática

Uma consulta a documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), permite-nos perceber algumas mudanças nas orientações gerais para o ensino de língua portuguesa.

Tais modificações propiciam um ensino de gramática indissociável às práticas sociais, compreendido em seu funcionamento e formas de uso e não como um conjunto de regras. O documento normativo também cita a necessidade de o ensino de Língua Portuguesa trabalhar com a ampliação dos letramentos a fim de possibilitar ao aluno uma “participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2018, p. 67). Assim, o texto ganha papel central na definição de conteúdos, habilidades e objetivos para o ensino de língua portuguesa.

Nesse sentido, o objetivo maior das aulas de língua portuguesa é o desenvolvimento da competência de leitura e produção de textos. Portanto, “a unidade textual – em toda a sua diversidade de tipos e gêneros, nos diferentes registros, variedades e modalidades, consoante as possíveis situações sociocomunicativas – deve ser ponto de partida e de chegada das aulas de Português” (BRANDÃO; VIEIRA, 2007, p. 9-10). Por outro lado, também se postula que os elementos de natureza formal – relativos aos diferentes níveis da gramática – são essenciais para a construção de sentido. Para que ocorra o reconhecimento desses elementos como produtores de sentido, é necessário que eles sejam tratados como objetos de ensino a partir de uma abordagem reflexiva da gramática.

Fica, assim, reservado o espaço que deve ocupar a reflexão gramatical na abordagem dos conhecimentos linguísticos. Mesmo numa proposta instrumental de ensino de gramática para o desenvolvimento das competências interativa e textual, parece óbvio que ela só poderá ser executada se houver a promoção da referida reflexão (conforme orientações oficiais). Não se trata de prática intuitiva, nem secundária. O desafio, portanto, é acima de tudo metodológico: o de integrar – sempre que possível – a reflexão linguística aos outros objetivos escolares, quanto ao plano textual e à complexidade da variação linguística (VIEIRA, 2017, p. 51).

Desse modo, Vieira (2017) propõe uma abordagem para o ensino de gramática baseada em três eixos, a saber: (i) elementos que permitem a abordagem reflexiva da

gramática; (ii) recursos expressivos na construção de sentidos do texto; e (iii) instâncias de manifestações de normas/variedades.

O primeiro eixo é transversal aos demais e ele consistirá na realização do ensino de gramática com base na atividade reflexiva, podendo ser de natureza linguística, epilinguística ou metalinguística. As atividades linguísticas seriam aquelas em que o aluno desenvolve o seu conhecimento sintático. Ao pensar sobre a indeterminação do sujeito, por exemplo, o discente poderia exercitar seu conhecimento sintático através de atividades de leitura ou produção textual em que seja necessária a realização natural de estratégias de indeterminação direcionadas a fins específicos, como um artigo de opinião ou uma conversa em que não seria necessário citar sobre quem se está falando. Já a atividade epilinguística consiste na operação sobre a linguagem. Nesse tipo de atividade, será necessário que o aluno teste as possibilidades, faça comparações e associações sobre ela e, ao pensar na indeterminação, o estudante pode mostrar todo o seu repertório de indeterminação e refletir sobre seus efeitos para o mecanismo do texto. Por fim, a atividade metalinguística é entendida como aquela que explora os conteúdos gramaticais através da utilização de nomenclaturas de forma a sistematizar o conhecimento construído.

O segundo eixo proposto por Vieira (2017) consiste na articulação entre o ensino de gramática e atividades de leitura e produção textual. Assim, o objetivo é ampliar o acesso às práticas de leitura e produção de textos orais e escritos a fim de que o aluno reconheça e utilize os recursos linguísticos como elementos fundamentais para a produção de sentidos.

O terceiro eixo de ensino traz uma proposta sociolinguística que consiste em um trabalho que vai considerar as diversas formas de variação, seja pelo reconhecimento ou domínio do maior número de variantes linguísticas conhecidas pelos discentes ou não. Dessa forma, Vieira (2017) afirma que o ensino de língua portuguesa cumpre com o seu propósito de tornar o aluno capaz de reconhecer e/ou produzir essas variantes, caso deseje.

Portanto, é imprescindível ressaltar que os três eixos de ensino de gramática propostos por Vieira (2017) se complementam. Assim sendo, o trabalho com o eixo da reflexão gramatical (eixo 1) é indispensável para o funcionamento dos eixos 2 e 3, visto que a falta de consciência sobre os efeitos de sentido e sobre as possibilidades de variantes pode dificultar o domínio dos estudantes quanto ao uso de determinadas construções linguísticas.

Dado o exposto, evidenciamos aqui a contribuição do trabalho experimental de Souza (2017) para o presente trabalho. A autora desenvolveu uma proposta pedagógica experimental para o ensino do sujeito indeterminado a partir dos três eixos de ensino de gramática de Vieira. Ela percebeu que a característica variável do sujeito indeterminado era ignorada pela tradição gramatical e, em sala de aula, seus alunos realizavam estratégias de indeterminação não contempladas pela GT, com as quais ela não sabia lidar. Por isso, pensando em contemplar os três eixos de ensino de gramática, ela elaborou um estudo dirigido com a temática do sujeito indeterminado.

Meu objetivo não foi só o de propor um trabalho que permita aos discentes refletirem sobre o tema da indeterminação, mas também o de fazê-los compreender de que maneira esse componente linguístico está a serviço da construção de textos

e interpretá-los; além disso, o estudo dirigido poderá dar-lhes subsídios para que elaborem textos fazendo uso de sujeitos indeterminados, sempre lhes mostrando a variação que naturalmente ocorre dentro dessa temática. (SOUZA, 2017, p. 129).

Desse modo, a autora lança mão de doze propostas de atividade que têm como intuito diversificar e ampliar o tema da indeterminação através dos três eixos de ensino. Em cada proposta de atividade, ela traz resultados científicos e a fundamentação teórica necessária para o que é proposto. Além disso, Souza (2017) traz um repertório de textos de diferentes gêneros, preocupando-se em explorá-los por completo em cada atividade.

Assim, sua proposta serviu de inspiração para o presente trabalho quando decidimos trabalhar com o ensino de gramática e, pesquisando sobre o ensino do sujeito indeterminado, deparamo-nos com estratégias de indeterminação ignoradas pela GT, mas que constituem o fenômeno de indeterminação e acrescentam positivamente no repertório linguístico dos alunos. Desse modo, fica evidente que uma categoria como a do sujeito e suas classificações, mesmo sendo explorada durante muitos anos da escolaridade do aluno, ainda carece de reflexões quanto ao seu ensino na educação básica. No tocante especificamente à indeterminação do sujeito, nota-se que uma exploração satisfatória desse fenômeno pode fortalecer o ensino de gramática voltado para as práticas comunicativas, bem como a compreensão do seu funcionamento na estrutura da língua e nos diferentes contextos de uso.

Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo geral contribuir para a reflexão acerca do ensino de gramática na Língua Portuguesa e tem como objetivo específico desenvolver um conjunto de atividades sobre indeterminação do sujeito voltadas para a ampliação do repertório de estratégias e para a reflexão gramatical, possibilitando o aprimoramento da prática de escrita de alunos do ensino básico.

Para alcançar o objetivo específico e possibilitar a elaboração das atividades, foram selecionados textos de diferentes tipos e gêneros, sendo uma charge, um artigo de opinião e mensagens de usuários do *site* Reclame Aqui. Optou-se por esses gêneros dada a diversidade de recursos linguísticos que permitem indeterminar o sujeito verificada nesses textos, sobretudo no caso das mensagens publicadas no *site* Reclame Aqui.

2 Proposta de atividades

As atividades propostas foram elaboradas pensando no ensino de gramática escolar, que muitas das vezes se prende às regras determinadas na GT, com frases soltas e exemplos genéricos, sem levar em conta a prática linguística dos estudantes através dos usos mais comuns a eles.

Elas levaram em conta as propostas dos 3 eixos de Vieira (2017), bem como as atividades elaboradas por Souza (2017). Sendo assim, elas foram pensadas de maneira a explorar todos os eixos conforme é explicitado nos parágrafos a seguir.

Na atividade 1, foi utilizado o eixo 1, em que se tem a prática linguística e reflexiva nas atividades para possibilitar que os alunos desenvolvam o seu conhecimento sintático. O eixo

2 também é explorado, uma vez que o aluno deve compreender os textos e realizar uma produção textual.

Na atividade 2, os mesmos eixos da atividade 1 foram contemplados, a fim de que o aluno pudesse refletir sobre as estruturas das mensagens. Também há uma orientação para escrita de um texto.

Na atividade 3, temos a prática reflexiva de natureza epilinguística em que será necessário que o aluno teste as possibilidades, faça comparações e associações sobre seu uso linguístico, mostrando todo o seu repertório de indeterminação e refletindo sobre seus efeitos para o mecanismo do texto.

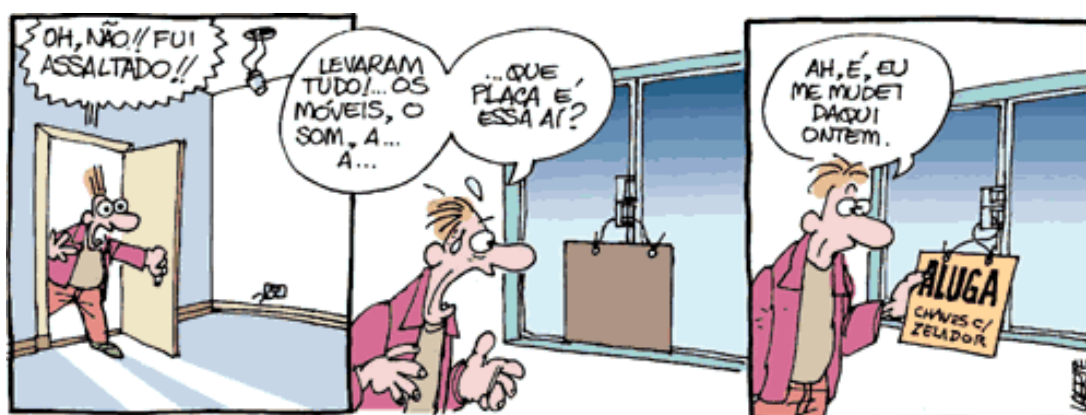
O eixo 3 é, então, utilizado em todas as atividades, nas quais os alunos devem compreender a forma de construção dos textos, em seus diferentes gêneros e como a variação linguística ocorre neles: na charge, uma forma de se expressar baseada no humor; nas mensagens do *site*, contextos de escrita espontâneos, uma vez que são textos produzidos por usuários movidos pela raiva/frustração e que escrevem da forma que lhes convém no momento da reclamação; e um artigo de opinião, publicado num jornal de grande circulação e de prestígio no país, em que há uma formalidade maior de escrita e espera-se um grau de escolaridade alto por parte de seu autor.

Dessa forma, esses textos foram selecionados para compor as atividades para que o aluno consiga reconhecer, dentro deles, como as estratégias de indeterminação do argumento externo são comumente usadas e estão presentes no cotidiano, além das diferentes formas com que elas aparecem.

2.1 Atividade 1

Após a leitura da charge abaixo, responda às questões:

Figura 1 - Charge de Laerte Coutinho



Fonte: Blog Sala de Língua Portuguesa³.

³ Por LAERTE. Disponível em: <http://saladelinguaportuguesablog.blogspot.com/2014/10/exercicio-sobre-sujeito-predicado-e.html>. Acesso em abril de 2021.

Questão 1: Ao entrar no apartamento e vê-lo vazio, o personagem se assusta por acreditar que tinha sido assaltado. O que o levou a fazer essa confusão? Em que momento do texto essa confusão é desfeita?

Questão 2: Após a leitura do texto, compare as frases “Fui assaltado!” com “Levaram tudo!” e responda às questões:

- a) Notamos que elas apresentam uma característica em comum em relação a quem executa as ações. Que característica é essa?
- b) De acordo com o contexto, podemos supor quem executa essas ações?
- c) Qual a principal razão para o homem ter dito tais frases dessa forma?
- d) Aponte quais funções sintáticas não foram expressas nas duas frases, respectivamente.

Questão 3: Ao virar a placa, o personagem rapidamente se deu conta do que estava ocorrendo. Contudo, nota-se que a placa oferece poucos detalhes.

- a) Que outras informações poderiam ser apresentadas a quem deseja alugar o apartamento?
- b) Se esse anúncio fosse veiculado em um jornal, como ele poderia ser redigido?
- c) De acordo com sua resposta para a letra b, você utilizou alguma estratégia de indeterminação do sujeito/argumento externo? Se sim, qual foi utilizada?
- d) Embora a placa ofereça poucos detalhes, as informações presentes são suficientes para que se compreenda que aquele apartamento está sendo alugado. Por que isso foi possível?

Para a execução do exercício, principalmente da questão 1, orientamos o professor aplicador a levar o aluno a fazer a leitura mais profunda do contexto, através de conversas que o orientem e o conduzam a encontrar as seguintes respostas: o que traz o humor ao texto; por que aquela placa tem tão poucas informações; o motivo de ela estar dentro do apartamento, na janela, e não do lado de fora de sua porta, entre outras que ele julgar relevantes para a associação do conhecimento de mundo desse estudante com sua prática linguística cotidiana.

Seria produtivo, ainda, comentar e esclarecer que é possível explorar o fato de que indeterminar quem é responsável pela ação descrita pelo verbo não está restrita à função sintática de sujeito, podendo inclusive estar associada à omissão do agente da passiva, função exercida pelo argumento externo da construção.

Além disso, faz-se necessário que o professor explicita para os alunos aquilo que se entende por estratégias de indeterminação do sujeito: um conjunto de formas linguísticas e situações de produção de fala e escrita em que se pode ter a forma expressa, mas não o referente, como no caso de usos de pronomes indefinidos, por exemplo. Para maior completude do exercício e da explicação do assunto, o professor pode ainda construir um quadro com eles, apresentando as motivações – sintáticas, semânticas e pragmáticas – que

fazem com que lancemos mão da indeterminação em uma construção. Ele pode se basear na tabela elaborada na seção 2 deste trabalho para começar sua produção com seus alunos.

5.2 Atividade 2

As mensagens abaixo foram retiradas do Reclame Aqui, que é um *site* na internet para consumidores relatarem problemas com empresas, e essas empresas poderem ajudá-los a resolver tais problemas:

Figura 2 - Mensagem 1 de reclamante contra empresa

Cartão foi clonado fizeram uma comprar no meu cartão



a. Sorocaba - SP ID: 120969995 14/03/21 às 11h22 denunciar

[Estorno do valor pago](#) [Múltiplo \(Débito e crédito\)](#) [Cartões de Crédito](#)

Clonaram meu cartão Fizeram compra num site faz três meses até agora não recebi estorno das parcelas que tive que pagar preciso mando e-mail nada de resolver falei com o site e eles falaram que já devolveu o dinheiro só que pra mim não voltou nada.

Fonte: Site Reclame Aqui. Disponível em: https://www.reclameaqui.com.br/nubank/cartao-foi-clonado-fizeram-uma-comprar-no-meu-cartao_HDxcGoZ5LUOjyOBo/. Acesso em maio de 2021.

Figura 3 - Mensagem 2 de reclamante contra empresa

Na troca da tela quebraram a carcaça do tablet



b. Porto Alegre - RS ID: 119819017 18/02/21 às 12h40 denunciar

[Outro problema](#) [Outro Tipo de produto/Serviço](#) [Não encontrei meu problema](#)

Quebraram a carcaça do tablet, e não arrumaram... solicitei a troca, podendo ser uma usada... desde dezembro e não obtive retorno.

Fonte: Site Reclame Aqui. Disponível em: https://www.reclameaqui.com.br/rede-cell-store/na-troca-da-tela-quebraram-a-carcaca-do-tablet_QvtgsOXF9CEets6T/. Acesso em maio de 2021.

Figura 4 - Mensagem 3 de reclamante contra empresa

não enviaram rastreio

C. [MaxiLizzer](#)

📍 Teresina - PI ID: 121533001 📅 25/03/21 às 10h21 [denunciar](#)

[Outro Tipo de produto/Serviço](#) [Cabelos](#)

fiz uma compra dia 21 e nunca confirmaram o envio com cód de rastreio. estou receosa devido muitas reclamações

Fonte: Site Reclame Aqui. Disponível em: https://www.reclameaqui.com.br/rede-cell-store/na-troca-da-tela-quebraram-a-carcaca-do-tablet_QvtgsOXF9CEets6T/. Acessado em maio de 2021.



Questão 1: Ao analisarmos as mensagens, percebemos que seus autores, em alguns casos, acabaram por construir sentenças em que havia indeterminação do sujeito. Ao lermos com cuidado, percebemos que isso foi feito por razões diferentes. Sendo assim, associe os textos (a, b ou c) com o possível motivo de haver essa indeterminação. A partir disso, identifique essas estratégias:

MOTIVO	LETRA
O autor sabe qual a empresa responsável pelo atendimento, mas não sabe o nome do profissional dessa empresa que cometeu o ato objeto de sua reclamação.	
O autor realmente não sabe quem praticou o ato primário, por isso não pôde identificá-lo. Além disso, ele também não identifica nominalmente a empresa à qual a reclamação é direcionada.	
O autor reconhece que a empresa foi a responsável direta por não realizar a ação que desencadeou a reclamação, mas não quis identificá-la nominalmente na mensagem.	

Questão 2: Sabemos que o principal motivo de os autores não terem apontado nominalmente as empresas reclamadas nas mensagens é o fato de elas serem identificadas bem acima nas páginas, para que o *site* organize suas reclamações por instituições. Sendo assim, se você fosse divulgar o ocorrido em outro local, numa postagem do Facebook, por exemplo, para que seus amigos soubessem de eventuais problemas com essas empresas, como você faria? Produza um texto imaginando essa situação.

Para a realização da questão 1, recomenda-se que o professor aplicador reforce com os alunos como funciona o *site* em questão e explique também sua organização visual: onde ficam os nomes das empresas, os nomes dos reclamantes, as mensagens e os títulos delas, para que eles consigam identificar onde estão as mensagens e seus títulos, e possam perceber que, em alguns casos, o reclamante optou por não utilizar o nome da empresa no texto da sua mensagem, pois este já estava visível na parte superior da tela. Sugere-se como resposta a seguinte sequência: B; A e C.

Além disso, dependendo do tempo disponível da turma que irá recebê-lo, há também a possibilidade de explorar outras questões gramaticais com o alunado, bem como o uso inadequado de verbo no infinitivo no primeiro texto, bem como a estrutura sintática e coesiva de alguns textos que compõem as mensagens.

Já para realizar a questão 2, o professor pode instruir os alunos a ficarem à vontade para imaginar a publicação não somente no *Facebook*, mas também em outra rede social que têm o hábito de utilizar, desde que essa permita que sua reclamação seja postada exclusivamente em texto escrito, algo que *Instagram* e *Twitter* permitiriam, mas *TikTok*, por exemplo, não. O professor pode ainda pensar com a turma situações que podem gerar a reclamação.

5.3 Atividade 3

Após a leitura do artigo de opinião abaixo, considere as questões:

Muito barulho, carroça vazia

Como usualmente se age em função do que se vê, em meio ao ritmo acelerado da vida cotidiana, o esforço sustentado para ver abriga sentido moral. Uma visão incapaz de dar sentido ao sofrimento humano não serve para nada.

Daí a visão que se constrói sobre inteligência de homens e mulheres que adquiriram consciência do poder crítico da razão. Nenhuma teoria ou modelo pode ser mais fundamental do que outro, todos têm de ser compatíveis. A concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações e de integração. A atividade dos sistemas envolve um processo conhecido como transação, interação simultânea e mutuamente interdependente entre componentes múltiplos.

Uso sistemático de "influência assimétrica" na resolução de conflitos entre agentes públicos é a regra hoje no País. Assim que governo e oposição não exercem em plenitude seu papel na ampla discussão de temas polêmicos. Não são mais as instituições que criam o sentimento de pertencer, e sim o sentimento de pertencer que torna as restrições institucionais aceitáveis; assim constitui um meio de abaixar o custo das transações, pelo aumento da transparência.

A moderna sociedade organizada em rede congrega uma multidão de indivíduos que possuem opiniões sobre os seus interesses, sobre interesses da sociedade, e ainda sobre prováveis políticas de se promover tais interesses. "O que se denomina vagamente bom senso é mais complexo do que a maioria das admiradas especialidades técnicas", afirma Marvin Minsky. Embate político acerca da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre covid-19 é sintomático.

Líderes precisam ser ampla e profundamente sensíveis aos ambientes político, econômico, social e cultural. Isso lhes permite realizar uma avaliação das restrições ambientais e dos recursos necessários para alcançar objetivos. Por muito tempo acreditou-se que sucesso econômico dependia exclusivamente de administração tecnocrática. Novas condições de

concorrência, exigência de produção diversificada, informatização do trabalho mudaram o quadro.

Para que uma sociedade seja realmente saudável e estável, tem de chegar a certos princípios éticos comuns. É sempre melhor quando membros de uma sociedade chegam a princípios éticos comuns de maneira voluntária. O curso de ação escolhido por uma sociedade provavelmente depende mais das oportunidades existentes que de preferências abstratas. Com efeito, a criação dessas oportunidades depende essencialmente da expansão do conhecimento.

Cooperação voluntária entre pessoas dá origem a organizações melhores e mais esclarecidas do que aquelas que o Estado pode criar, usa mais informações e conhecimentos do que um indivíduo, isolado, ou governo, pode possuir.

JUNIOR, Tarcísio Padilha, 2021.

- a) Após uma leitura profunda do texto acima, qual é a tese que ele defende?
- b) Nos 2 primeiros parágrafos, foi utilizada uma estratégia que permite não determinar com exatidão quem executa certas ações. Que estratégia é essa?
- c) No quarto parágrafo, além da estratégia verificada na questão anterior, há outra estratégia utilizada, através de uma expressão que nos possibilita indeterminar quem desencadeia o evento verbal. Identifique essa expressão.
- d) Em relação à forma, compare as 2 estratégias e caracterize-as:

Para a execução dessa atividade, o professor aplicador deverá, primeiramente, contextualizar ou revisar com os alunos do que se trata o gênero textual analisado. Em seguida, deve apresentar o quadro que construiu com eles durante todas as questões, através do qual ele mostrará as outras formas possíveis que podem ser utilizadas para indeterminar o argumento externo. Assim, poderá mostrar as diferentes formas de indeterminação, que pode se dar tanto de maneira expressa quanto de maneira não expressa, a fim de que o discente possa compreender melhor esse fenômeno, vendo-o em prática em uma construção textual.

Considerações Finais

O objetivo de desenvolver um conjunto de atividades sobre indeterminação do sujeito voltadas para a ampliação do repertório de estratégias e a reflexão gramatical de alunos do ensino básico foi alcançado a partir da análise dos textos dos autores e mapeamento das estratégias de indeterminação abordadas pela GT e pela LT. Atividades dessa natureza possibilitam aos estudantes o domínio de uma competência que os faça saber quais dessas estratégias utilizar de acordo com a situação comunicacional e com a produção textual almejada.

A partir disso, o conjunto de atividades conta com 3 exercícios que exploram diferentes formas de se usar a indeterminação em diferentes gêneros e como ela pode aparecer nos textos escritos em nosso cotidiano. Elas foram elaboradas pensando numa aplicação didática,

inclusive orientando os professores sobre as melhores maneiras de as trabalhar, a fim de uma ampliação consciente do repertório de usos, a partir de atividades que permitam a reflexão sobre o que é a indeterminação, quais recursos linguísticos permitem indeterminar e os efeitos desses recursos para que se desenvolva a prática de escrita efetivamente.

Sendo assim, a aplicação dos 3 eixos de ensino de gramática, impulsionadora das atividades propostas, permite que este trabalho contribua para uma parte da discussão sobre o ensino gramatical e de sintaxe atual no país, que pode ainda ser expandido para o ensino geral da categoria sujeito, entre outras.

Referências

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. Parábola, 2012.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. Apresentação. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 9-10.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DUARTE, Maria Eugênia. Termos da Oração. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 185-204.

JUNIOR, Tarcísio Padilha. **Muito barulho, carroça vazia**. Publicado em 14 de abril de 2021 no Jornal do Brasil. Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/artigos/2021/04/1029567-muito-barulho-carroca-vazia.html>.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Editora Vozes Limitada, 2017.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. São Paulo: José Olympio, 1973.

SOUZA, Daniela da Silva de. Indeterminação do sujeito proposta pedagógica a partir dos três eixos para o ensino de gramática. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Gramática, variação e ensino**. Editora Edgard Blücher, 2017, p. 121-154.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Três eixos para o ensino de gramática. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Gramática, variação e ensino**. Editora Edgard Blücher, 2017. p. 47-60.